

## Religião, cultura, sexismo, alteridade em Levítico

Religion, culture, sexism, alterity on Leviticus

Por Kathlen Luana de Oliveira

Doutoranda em Teologia (Escola Superior de Teologia)

Bolsista CAPES

kathlenlua@yahoo.com.br

### Resumo:

Este ensaio apresenta uma releitura do livro de Levítico a partir da hermenêutica feminista, objetivando a desconstrução de uma interpretação patriarcal e metafísica do texto sagrado. Ao invés da cultura da linguagem argumentativa, o texto considera a cultura material e a corporeidade. Por fim, aponta a necessidade de uma leitura teológica que considere a alteridade em sua diversidade.

### Palavras-clave:

Religião. Antigo Testamento. Levítico. Alteridade. Sexismo.

### Abstract:

This article presents a new reading of the book of Leviticus starting from the feminist hermeneutic, aiming at the deconstruction of a patriarchal and metaphysical interpretation of the sacred text. Instead of the culture of argumentative language, the text considers the material culture and the corporality. Finally, it points the need of a theological reading that it considers the alterity in its diversity.

### Keywords:

Religion. Old Testament. Alterity. Leviticus. Sexism

### Antropologia do AT: entre riscos e desafios

Há sempre riscos em qualquer exercício de analisar a antropologia do AT. Primeiro, ao ler, a pessoa hodierna imediatamente realiza paralelos com sua própria vida, utilizando a Bíblia como um espelho. Nenhuma hermenêutica, ao contrário do que propõe a *Histórico-Crítica*, pode ser universal e objetiva, pois, aos olhos de quem vê, muitos valores são encontrados ou atribuídos. Muito do que a pessoa carrega empiricamente, em sua própria história de fé, faz parte da leitura. Segundo, tendenciosamente se atribui um sentido completo e absoluto à narrativa bíblica. O testemunho bíblico não é uma totalidade de uma cultura, mas um fragmento de várias culturas, sujeito aos olhos de quem o escreve, logo, também possui determinados

valores. Por fim, por vivermos em uma sociedade com fortes paradigmas, modelos almeçados, imagens “perfeitas” de corpo, casa, roupa, comportamento, seria impossível que a hermenêutica bíblica ficasse imune a uma padronização. A sistematização de assuntos bíblicos leva a uma padronização de Israel. Dificilmente, constatam-se as diferenças e divergências das doze tribos. A impressão é que a fé se vivenciou da mesma forma para todas as mulheres e todos os homens, jovens idosos e adultos. A partir desses pressupostos, alguns desafios são necessários na desconstrução de uma interpretação androcêntrica, patriarcal, metafísica e ocidentalizada.

1. Homens e mulheres vivenciaram diferentes realidades de fé. Mesmo com a

influência da história do cristianismo, que abstraiu o valor feminino, os testemunhos bíblicos não legitimam nosso sistema de segregações e hierarquia sexistas. Os papéis femininos foram sublimados e também assumidos dentro de um poder espiritual masculino, tornando o feminino fonte da morte e não de doação de vida. Os símbolos de concepção, nascimento e nutrição são passados para os homens. A ideologia de superioridade do grupo dominante sufoca e reprime o senso de identidade do outro. O outro pode continuar, ocultamente, considerando-se superior, mas essa ideologia molda sua própria socialização, ocasionando medo e ambiguidade quanto a sua própria humanidade. Portanto, as identidades apagadas pela cultura ou pela história necessitam de uma leitura empática nas entrelinhas.

2. A prática da teologia nada tem haver com um mero exercício de conceitos.<sup>1</sup> A prática protestante é dissonante da realidade veterotestamentária, pois as ritualizações acabam se restringindo ao pronunciamento das palavras. Igrejas Pentecostais fazem “sucesso” no Brasil por atribuírem valor a objetos do cotidiano, refletirem sobre situações de manutenção da vida. Enquanto que o protestantismo se torna metafísico, extrassensorial, extracorporal. O desafio é resgatar o contato físico e redirecionar o conteúdo teológico.

3. As culturas se distinguem em grupos e categorias sociais e dizem respeito à identidade dos povos, que é definido na experiência cognitiva e material do ser humano. Identidade que é formada de acordo com o que nós pensamos de nós mesmos e com a visão de outras culturas sobre nós. Cada cultura expressa sua história ou sua maneira de viver de um jeito peculiar, por isso, não se pode subvalorizar ou subjugar a cultura do outro. Quando se trata da relação entre evangelho e cultura, há sempre uma dialética: “aproximação e distância, questionamento e aceitação”. O desafio é a arte da convivência com o diferente.

O Antigo Testamento possui uma riqueza cultural e religiosa, também limitada e com preceitos opressores. Porém, a tradição cristã postulou uma leitura padronizada do ser humano exposto no AT. Em certas épocas, o ser humano descrito não parecia ter corpo. Das estruturas gramaticais e linguísticas, extraía-se o pensamento de toda a cultura judaica. Todavia, a análise conceitual está mais sobrecarregada pelos leitores e não expressa a antropologia bíblica.

É necessário reconhecer que toda a nossa vida cotidiana se baseia numa negação dos imperativos mediados pelo corpo. Os impulsos sexuais, os gostos alimentares, a sensibilidade olfativa, o ritmo biológico [...] deixaram há muito de ser expressões naturais do corpo porque o corpo, ele mesmo, foi transformado de entidade da natureza em criação da cultura. A cultura, nome que se dá a estes mundos que os seres humanos imaginam e constroem, só se inicia no momento em que o corpo deixa de dar ordens.<sup>2</sup>

A religião divide o universo entre o sagrado e o profano. “O sagrado e profano não são propriedades das coisas. Eles se estabelecem pelas atitudes dos seres humanos perante as coisas, espaços, tempos, pessoas, ações”.<sup>3</sup>

### O Livro de Levítico

A primeira impressão que o Levítico - ou qualquer Escrito Sacerdotal - provoca é de questionamento. Afinal de contas, são tantas regras às quais o povo de Israel precisa se submeter e tamanha são as limitações que a religião impõe na vida dessas pessoas. Uma leitura feminista primária até poderia afirmar o imenso preconceito contra a mulher e, com certeza, o corpo feminino foi (e é) alvo de sanções e limitações sociais. Contudo, em seu contexto de pós-exílio, o Levítico é a melhor descrição da concretude de uma religião. Consequentemente, objetos, corpos, comida,

<sup>1</sup> SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. **Simbolismo do corpo na Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 31.

<sup>2</sup> ALVES Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1984. p. 18.

<sup>3</sup> ALVES, 1984, p. 59-60.

trabalho e relações humanas se tornam expressões de religiosidade, isto é, de valorização sagrada.

A caracterização do Levítico (estendido de Êx 20 a Nm 10) é peculiar por não ser uma grandeza homogênea. São diversos códigos de diversos tempos editados e atribuídos a Moisés. O Levítico retrata um período de reformas e de reestruturações devido às restrições do domínio Persa. Em torno de 530 a.C., no período Pós-Exílio (Pérsia Aquemênida), transparece a subjugação política de Israel na escola sacerdotal. Assim, as reformas tornam-se necessárias, pois não há uma referência política interna que determine a ética e o comportamento social. Como não havia rei, as reformas do clero e do culto utilizaram a religião para a legitimação de regras; a religião precisava ordenar a sociedade. Atribuindo autoria a Moisés, a autoridade do escrito adquire credibilidade entre o povo.

A estreita conexão existente no decálogo entre fé e etos baseia-se certamente em longas reflexões éticas e teológicas. De modo semelhante, as tradições jurídicas conservadas na Lei da Santidade não parecem ter sido influenciadas, desde o começo, pelas motivações “Eu sou Javé” ou “sereis Santos” (Lv 18.2; 19.2).<sup>4</sup>

Certas dissonâncias no próprio Levítico demonstram que se trata de um agrupamento de códigos antigos. Partindo da pós-modernidade, o Levítico provoca certa estranheza, pois fala de sacrifício “violento”, fala minuciosamente de sacerdotes e expõe critérios de pureza e impureza para a classificação de pessoas, animais e comidas. Uma interpretação primária facilmente concluiria que Israel se definia por sua moralidade. “O que Israel percebia como mundo justamente não havia sido condensado numa terminologia tão absoluta, como nós a utilizamos”.<sup>5</sup> Assim, falta um termo correspondente a “consciência moral”. A leitura de Levítico precisa estar situada entre a disputa

externa, frente ao domínio Persa, e frente a disputas internas (Lv 10 quer deslegitimar uma linha de profetas - Nadabel e Abiu).

### Estrutura do Levítico

- **Lv 1-7:** legislação sobre o corpo dos animais-sacrifícios / ofertas (animais e vegetal)
- **Lv 8-10:** legislação sobre o corpo dos sacerdotes
- **Lv 11-16:** legislação sobre o corpo do ofertante
- **Lv 17-27:** legislação sobre o corpo social (rituais, festas) e sobre o corpo da natureza (escravos, meios de produção);
- **Anexos**

Partindo dos pressupostos anteriores, buscando uma hermenêutica que efetive a desconstrução das influências androcêntricas, patriarcais, metafísicas e ocidentais, o Levítico requer uma leitura que procure a cultura material e não a cultura da linguagem argumentativa. A cultura material é expressa através de corpos e objetos que organizam e contém a cosmovisão do povo semita.

Qual a função cultural da oferta de animais? Por que o sacrifício é centralizado no animal e no vegetal? Qual a representação cultural desse rito? Para a divindade é oferecido um elemento de valor econômico; oferta-se o que se produz e mais, a oferta é a *mais valia*, ou seja, não é o resto da produção. No Levítico, há normas acerca de animais gordos de grande porte, porém, nem todos possuíam riquezas. Então, são enquadradas outras ofertas que denotam a distinções entre as classes. As ofertas são a produção da materialidade da vida, abrangendo os dois pólos: **trabalho e comida**. Com o tempo, os animais ou outras oferendas foram substituídos por um valor equivalente, tornando-se um negócio lucrativo em Israel (Mt 21. 12-17). Hoje, ofertamos dinheiro, resultado do trabalho. Todavia, não representa todo o valor de manutenção de vida. Frequentemente, associa-se o dinheiro à ganância.

Os antigos códigos ordenam **trabalho; comida e reza**. A ordenação garante coesão em

<sup>4</sup> SCHMIDT, Werner Hugo. **A fé do Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2004. p. 161.

<sup>5</sup> SCHMIDT, 2004, p. 152.

um grupo e gradualmente é parte constituinte da identidade social. Religião é ritualização de valores. Valores visíveis e úteis para a vida. Portanto, a função do sacrifício era de legitimar o valor de troca.

Através dos sacerdotes, a religião, sinteticamente, possui a finalidade de **sanção, legitimação e deslegitimação**. As ordens sobre o corpo dos sacerdotes funcionam como mecanismos de diferenciação social e de reconhecimento de sua autoridade. A função sacerdotal, exposta inicialmente no Levítico, era extremamente corporal: quebrar a cabeça, espargir sangue, selecionar, analisar a pele e a aparência das pessoas e dos animais. Sacerdotes manuseavam as ofertas e determinavam o valor. Em suma, a tarefa do sacerdote era **ler, interpretar e julgar corpos**.

A classificação do mundo em ‘puro’ e ‘impuro’ não deve ser confundida com valorizações moralizantes.<sup>6</sup> A princípio, a necessidade vista pelo livro de Levítico, era a de uma organização social. Como existem diversos fenômenos corporais, comportamentais e naturais, a tendência religiosa é a busca de uma padronização. Tal ordenação garante a identidade e coesão, mas limita ações e exclui diversidades. Enfim, o Levítico faz **formatações da estrutura cultural**.

Sobre o corpo da pessoa que oferta, o Levítico (11-16) aborda questões sobre **comida, saúde e sexo**. A pessoa que se apresenta diante de Deus precisa estar saudável, não pode ser de qualquer jeito. O fator que complica a ordenação sobre o corpo do ofertante é a idéia de que tudo contamina. São estruturados limites dietéticos; pois o corpo precisa de limites e, a religião é que limita.

A lepra (Lv 13), famosa nos relatos bíblicos, precisa ser compreendida como tudo o que a pele apresenta. Tudo o que modifica a superfície da pessoa é caos; é desordem, logo, requer ordem. As secreções do corpo são as trocas que as pessoas realizam com o mundo: a saliva, secreções genitais,

líquidos durante o parto. Os “caldos” corporais são veículos de interação com outros seres humanos e com a natureza. Obviamente, o Levítico não deixaria de organizar tais interações (Lv 12) depois do parto há dias de purificação; (Lv 15) aborda sobre o sêmen e a menstruação. A preocupação do Levítico não é centralmente moralista, mas funcional. Assim sendo, a função econômica dos “caldos” sexuais é a reprodução.

No capítulo 16, caso alguma desordem permaneceu, um grande ritual de perdão (Yom Kippur) é o espaço de ritualização dos pecados “em aberto”. A festa é um espaço cultural coletivo para que a sociedade conheça os seus limites (Lv 23). No Yom Kippur, há o ritual de transferência: o bode é solto no deserto e os pecados são transferidos sob sua cabeça. Da mesma forma, no Brasil, o Carnaval explicita em quatro dias, o que depois é proibido. São dias de desordem e de excesso, e, no restante do ano, vive-se em ordem.

O sexo (Lv 18) visa ordenar a sexualidade num conjunto da sociedade. Limites precisam ser definidos sobre corpos pessoais para que o corpo social não entre em caos. Inicia-se na estruturação das relações familiares, e, possivelmente, ninguém legisla sobre o que não acontece. Analisando os capítulos 18 e 20, constata-se que são dois códigos acerca do sexo provenientes de culturas diferentes. Em Lv 18, é proibida a relação sexual entre algumas pessoas na família, por exemplo, entre pai e filha, já, em Lv 20, a filha é “omitida” da lista. Há grande possibilidade da união de vários códigos. “as leis são agora parte de uma narrativa histórica”.<sup>7</sup>

Nem a natureza e os meios de produção (escravos, dívidas e propriedades) escapam da organização do Levítico. A Lei do Jubileu (Lv 25) é um ritual reparador da desordem da propriedade. A natureza também participa da ordenação, ela necessita de renovação. A terra é um bem, herança de Deus que pode desordenar.

<sup>6</sup> SCHROER; STAUBLI, 2003, p. 107.

<sup>7</sup> BENTZEN, Aage. **Introdução ao Antigo Testamento**. v. 1. São Paulo: ASTE, 1968. p. 284.

## Perspectivas

Considerando todo o exercício do Levítico de organizar o “mundo”, ritualizando as demandas humanas de **reparação, substituição e expiação**, conclui-se que a *religião é um sistema de valor e semântica*. Quanto mais concretos forem os critérios de valor, mais próxima a teologia se encontra da produção e da manutenção da vida. A patrística e a escolástica afastaram o valor do mundo: “Para que os seres humanos dominem a Terra, é necessário que Deus seja confinado aos céus”.<sup>8</sup> A “alta” cristologia transforma os elementos culturais em conceitos e a “baixa” cristologia visa recolocar as leis no seu chão cultural.

Então, qual seria o lugar da cultura dentro da teologia? Numa situação de opressão imperial (imperialismo persa) a religião ordena a vida e procura satisfazer as necessidades humanas de perdão e de libertação. A cultura, a história, a ciência e a realidade geralmente são escritas pelos mais fortes ou mais sábios. Assim, em nossas memórias, restou apenas a religião dos fortes. Propor uma teologia que considere a *alteridade* em sua diversidade, é libertar-se da padronização que todo exercício de sistematização realiza. O movimento de Jesus revelou a possibilidade de transformar os relacionamentos étnicos, escravistas e sexistas (Gl 3.28), apontando uma realidade igualitária entre todas as raças e grupos sociais, que, mais tarde, foi interpretada como uma relação puramente espiritual e escatológica pelo cristianismo dominante. A teologia, como expressa o povo semita, é voltada pelo que as pessoas gemem, pelo que as pessoas ofegam. Muitas gargantas são exploradas e seu grito é tolhido. Dar voz ao silêncio não é apenas mudar o início, mas o final de uma história de fé que parecia possuir um passado pronto e acabado.

[Recebido em junho de 2008  
e aceito para publicação em junho de 2009]

---

<sup>8</sup> ALVES, 1984, p. 50.